

172 HORAS

NA LUA

JOHAN HARSTAD

Tradução:
Camila Fernandes



PRÓLOGO: FEVEREIRO DE 2010

— Senhores, está na hora — disse o dr. [REDACTED], observando os sete homens de terno ao redor da mesa de reuniões. Eram algumas das pessoas mais poderosas do país, juntas na maior sala de reuniões do quartel-general da NASA, em Washington, D.C. Eram quase onze da noite.

Em breve, teriam de tomar uma decisão.

— Então, o que vai ser? — perguntou o dr. [REDACTED], impaciente.

A fumaça de cigarro na sala era densa e impenetrável, tornando a atmosfera ainda mais sombria. Todas as regras que proibiam fumar nos escritórios do governo haviam sido deixadas de lado à medida que o nervosismo se agravava.

— Bem — começou um dos sete, mastigando um lápis —, é uma proposta muito arriscada. Você deve saber disso. Vale mesmo a pena?

— As pessoas já tinham perdido completamente o interesse em missões lunares antes do último lançamento, em 1972 — disse outro. — Por que você acha que apoiariam essa volta?

— Mas pode acontecer — afirmou um terceiro. — Poderíamos dizer às pessoas que há uma boa chance de encontrarmos grandes quantidades de tântalo setenta e três no polo sul da Lua.

A sala encheu-se subitamente de conversas, a tensão começando a crescer.

— Acredite, você não quer voltar ao polo sul.

— É claro que não.

— Se for, vai morrer.

— Estou ciente disso.

— Na minha opinião, seria melhor esquecer aquele lugar.

— Cavalheiros — interrompeu o dr. ■■■■■ —, têm alguma ideia de como uma descoberta de tântalo setenta e três seria importante? A maior parte da tecnologia atual depende desse elemento. As pessoas jogariam dinheiro em nossas mãos.

— Então, vamos lá para cima em busca de recursos naturais? Eu pensei... — disse um dos homens.

O dr. ■■■■■ o interrompeu novamente:

— Não, não vamos.

O presidente do Estado-Maior Conjunto pigarreou.

— Deixem-me esclarecer a situação, cavalheiros. Nós não vamos ao polo sul da Lua, e, se há ou não tântalo setenta e três por lá, é completamente irrelevante. A confusão se espalhou pela sala.

— Presumo que alguns de vocês estejam familiarizados com o Projeto Horizonte? — continuou ele.

O homem que falara primeiro perguntou:

— Está se referindo à pesquisa feita no fim dos anos cinquenta? Os planos para construir uma base militar na Lua? Pensei que tivessem sido descartados.

O dr. ■■■■■ balançou a cabeça, em sinal de negação.

— A base não é militar. — Olhou para o presidente do Estado-Maior. — É só um centro de pesquisas. Não é verdade?

O presidente não respondeu. Olhou amigavelmente para o homem.

— Chama-se DARLAH 2. Foi construída na década de setenta com o nome de Operação DP7.

— Mas por que... diabos... por que nenhum de nós ouviu falar dela antes?

— Todas as informações a respeito de DARLAH 2 foram consideradas ultrassecretas até recentemente. Por motivos de segurança. — Ele parou por um segundo, avaliando se deveria ou não contar mais.

O dr. ■■■■■ adiantou-se a ele na explicação:

— A DARLAH 2 foi construída entre 1974 e 1976. Mas a base fica no Mar da Tranquilidade, onde, como vocês sabem, Armstrong e Aldrin pousaram originalmente em 1969. Nenhuma das outras alunissagens aconteceu lá.

— Por que foi construída? — perguntou um dos homens que estivera quieto até agora.

— Encontramos algo — respondeu o dr. ■■■■■.

— Pode ser mais claro?

— Não sabemos o que é. O plano era manter os estudos e a equipe na Lua, mas, como já sabem, depois de 1976 nós perdemos a maior parte da verba. E, como sugeri, o programa não foi encerrado apenas por motivos financeiros. A verdade é que... o que encontramos lá não é o tipo de descoberta que alguém pagaria para continuarmos pesquisando. Seríamos convidados a ignorar o assunto. Então, fingimos que nunca existiu... e, de todo modo, o sinal desapareceu.

— Até a coisa surgir outra vez no último outono — acrescentou o presidente do Estado-Maior.

— O *sinal*? A *coisa*? Que diabos é a *coisa*?! — exclamou um homem, confuso.

O dr. █████ encanou-o enquanto falava, depois se inclinou para a frente e tirou algo da maleta. Era uma pasta de papel, que ele colocou sobre a mesa, e dela tirou uma foto tamanho 4 x 6.

— Esta foto foi tirada na Lua por James Irwin, da *Apollo 15*. O astronauta na foto é David R. Scott.

— Mas... quem é a outra pessoa ao fundo? — perguntou alguém.

— Não sabemos.

— Não *sabem*? Que diabos está havendo aqui?

— Existe hora apropriada para tudo, senhores. Toda a informação que estão pedindo estará disponível assim que tivermos unanimidade de votos para prosseguir com o plano, o qual, devo lembrar-lhes, conta com o apoio total do presidente. Agora, podemos então discutir como explicaremos o fato de que temos uma base inativa na Lua há quarenta anos da qual ninguém sabia?

— Inativa? Está querendo dizer que ninguém jamais usou a base antes? — perguntou um dos astronautas presentes. — E as pessoas que a construíram?

— Nunca estiveram no interior dela. Os módulos foram instalados na superfície por máquinas, não por pessoas.

Um dos homens que já concordavam com o plano se levantou e sorriu, confiante, dizendo:

— Vamos dizer que passamos quarenta anos testando a base, garantindo que funcionasse perfeitamente.

— E funciona? — perguntou alguém.

— Em princípio, sim — respondeu o homem cujo sorriso já não parecia tão confiante.

— *Em princípio* não é bom o bastante, é?

— Terá de servir. Temos de voltar dentro de uma década, antes que mais alguém chegue lá.

Vários dos homens presentes ainda pareciam incrédulos, se não atordoados.

— Mas quem vocês enviarão para lá? E o que essas pessoas farão?

— A primeira expedição deverá realizar três tarefas simples. A primeira: testar a base e garantir que esteja funcionando como se presume. A segunda: pesquisar a possibilidade de minerar metais terrestres raros que darão aos Estados Unidos uma enorme vantagem no mercado tecnológico. E a terceira, que é a mais importante de todas, senhores: atrair a atenção da mídia, que como consequência garantirá apoio financeiro suficiente para continuarmos com nossa pesquisa e... nos livrarmos de quaisquer... possíveis problemas.

— Que tipo de problemas? — perguntou um dos homens.

O dr. ██████ ergueu a mão à frente do corpo como se detivesse as palavras.

— Como eu disse, já trataremos disso. A ideia é transformar a coisa toda em uma celebração do quinquagésimo aniversário da primeira missão tripulada a pousar na Lua. Vamos construir versões novas e aprimoradas dos foguetes programados clássicos *Apollo* dos anos sessenta e setenta. Isso com certeza deixará as pessoas nostálgicas.

— Mas ninguém com menos de quarenta anos se lembra das missões *Apollo*.

O dr. ██████ esperou um longo tempo antes de voltar a falar. Era um homem muito inteligente, e ter de explicar cada detalhe a esses projetos ridículos de figura pública estava lhe dando nos nervos. Felizmente, havia ensaiado mentalmente essa conversa muitas vezes e tinha respostas para tudo o que eles pudessem perguntar, inclusive a ideia perfeita para despertar o interesse do *mundo* inteiro em uma nova missão.

— Senhores, e se mandássemos adolescentes para o espaço?

Ninguém respondeu. Ficaram apenas sentados em silêncio, esperando, presumindo que fosse uma piada.

Mas não era.

— Você quer mandar *crianças*? — perguntou alguém. — Por que diabos ia querer mandar adolescentes para a Lua?

O dr. ██████ sorriu de forma condescendente e respondeu:

— Se selecionarmos três jovens, adolescentes, para acompanhar os astronautas, teremos toda uma nova geração entusiasmada com a ideia de explorar o espaço. Não será nada menos que uma sensação mundial.

— Mas... há apenas um minuto vocês diziam que há algo... *desconhecido* na Lua. E nenhum dos dois parece capaz de explicar o que essa coisa realmente é e quais são as possíveis consequências. E querem mandar para lá adolescentes inocentes, sem nenhum treinamento, como se fossem *cobaías*?

— Os benefícios superam os riscos — afirmou o dr. [REDACTED]. — A probabilidade de algo acontecer é pequena na área específica das operações, e os astronautas terão a oportunidade de instalar equipamentos importantes e realizar os estudos necessários. Em nome da simplicidade, acho que é melhor encarar essa proposta como duas missões em uma. A primeira, o nosso papel, é pesquisar o potencial para mineração de tântalo setenta e três...

— Pensei que você tivesse dito que na verdade não procuraríamos tântalo nenhum.

— Não vamos. — Ele prosseguiu: — A segunda parte será a missão dos adolescentes, que não será um grande esforço para eles. A atenção da mídia será automática. Isso será retratado como uma versão espacial glamorosa de uma viagem à Disneylândia. E, o melhor de tudo, minhas pesquisas preliminares indicam que o patrocínio de certas grandes corporações está quase garantido, o que provavelmente fornecerá o dinheiro de que precisamos para uma segunda missão.

— Vai haver também uma segunda missão?

— Receio que sim.

— Você quer que haja adolescentes na segunda também?

— Não.

O dr. [REDACTED] ergueu dois grossos envelopes assinalados como ULTRASSE-CRETOS.

— Adolescentes na Lua, senhores, são a solução que estivemos procurando. Uma porta que se abre.

— Mas como vai decidir quem pode ir?

Ele sorriu novamente, de forma ainda mais dissimulada, e respondeu:

— Vamos sortear.



1

A TERRA



OPORTUNIDADE — 2018

— É a coisa mais idiota que eu já ouvi — disse Mia Nomeland, olhando desanimada para os pais. — Sem chance.

— Mas, Mia, querida, é uma excelente oportunidade, não acha?

Os pais estavam sentados lado a lado no sofá, como se estivessem colados um ao outro, com o anúncio que haviam recortado do jornal na mesa de centro diante deles. Cada canto do mundo já tivera a chance de ver uma versão dele. A campanha fora lançada havia semanas na TV, no rádio, na internet e nos jornais, e o nome NASA estava prestes a se tornar tão conhecido pelo planeta quanto o da Coca-Cola ou o do McDonald's.

— Oportunidade de quê? De pagar o maior mico?

— Não quer pelo menos pensar no assunto? — perguntou a mãe. — O prazo é de menos de um mês, sabe.

— Não! Não quero pensar nisso. Não tem nada que me interesse na Lua. Tem algo que me interesse em qualquer lugar, *menos* na Lua.

— Se fosse eu, teria me candidatado na mesma hora — argumentou a mãe.

— Bom, tenho certeza de que meus amigos e eu estamos muito felizes porque você não sou eu.

— Mia!

— Tá bom, desculpa. É só que... eu *não ligo*. É tão difícil assim entender? Vocês estão sempre me dizendo que o mundo é cheio de oportunidades e que a gente tem de escolher algumas e deixar outras passarem. E que há oportunidades suficientes para uma vida inteira e mais um pouco. Certo, pai?

O pai resmungou uma resposta qualquer e desviou o olhar.

A mãe suspirou.

— Vou deixar o anúncio em cima do piano por um tempo, caso você mude de ideia.

É sempre assim, pensou Mia, deixando a sala de estar. Eles não escutam. Simplesmente esperam que eu pare de falar.

A garota subiu para o quarto no sótão e começou a praticar guitarra. Quando se tratava de música, ela nunca perdia tempo. Já tocava havia dois anos, e fazia um ano e meio que era a vocalista da banda Rogue Squadron, um nome com um toque dos anos setenta, apropriado para uma banda punk que soava como algo de outra época, talvez 1982. Ou 1984. Mesmo que nem sempre tivesse paciência para fazer todo o dever de casa, ela conhecia a história da música melhor que ninguém.

Sua última descoberta era os Talking Heads, uma banda pela qual ela se apaixonara lenta mas perdidamente. Ou melhor, pela qual estava tentando mesmo se apaixonar, pois percebia que era boa. Ainda precisava se esforçar para ouvi-la por muito tempo. E não tinha certeza se o gênero era pós-punk ou rock ou só pop, e isso tornava tudo ainda mais complicado. Mas tinha um som eletrônico tão frio e oitentista que seria perfeito para ela, se pudesse ao menos entrar no clima da música.

Passou uma hora praticando com a guitarra e escreveu o esboço de uma nova canção, resultando em um *riff* roubado de músicas que ela tinha certeza absoluta que ninguém jamais ouvira. Não teria problema levá-lo para o ensaio da banda amanhã. Depois de tocá-lo cinco vezes e não ter a menor dúvida de que lembraria os acordes, deixou a guitarra de lado, ligou os fones de ouvido ao aparelho de som e apertou o *play*. A música da banda da qual ela decidira começar a gostar encheu-lhe os ouvidos. Ela se deitou na cama e fechou os olhos.

— O que está ouvindo, Mia? — perguntou o pai, erguendo um dos lados do fone. Ele estava tentando suavizar o clima negativo gerado no começo do dia.

— Talking Heads — respondeu ela.

— Eles eram bem famosos quando eu era jovem.

A garota olhou para ele, mas não respondeu.

— Sabe, é uma oportunidade maravilhosa, Mia, essa coisa da Lua. Eu... nós... só queremos o que é melhor para você. Sabe disso.

Ela grunhiu, mas tentou sorrir para ele mesmo assim.



VOCÊ QUER
IR PARA A

LUA?

TEM ENTRE 14 E 18 ANOS?

PASSE 172 HORAS NA BASE LUNAR DARLAH 2!



NASAMOONRETURN.COM

— Pai, por favor. Esquece isso, tá?

— E para a sua banda. Já pensou nisso? Vocês não querem ser famosas? Acho que não seria nada mau para o Rock Squadron em termos de publicidade se a vocalista fosse uma astronauta mundialmente famosa.

— *Rogue Squadron* — corrigiu ela.

— De todo jeito — respondeu ele —, você entendeu. — Então saiu, fechando a porta do quarto cuidadosamente.

Mia deitou-se de novo. Será que ele tinha razão? Não, não tinha. Ela era uma musicista, afinal. Não uma aspirante a astronauta. Ligou a música outra vez e o vocalista David Byrne cantou: *I don't know what you expect staring into the TV set. Fighting fire with fire.*¹

Era quase maio, mas o ar ainda estava frio na Noruega. As árvores ao longo da avenida estavam nuas e sem vida, exceto por umas poucas folhas aqui e acolá que haviam nascido cedo demais. Duas semanas haviam se passado desde que os pais de Mia sugeriram aquela ideia boba.

Agora, ela estava parada diante da escola, raspando as botas para a frente e para trás no chão enquanto esperava que Silje voltasse do banheiro. O intervalo para o almoço logo acabaria, e ao redor dela outros alunos se apressavam para entrar no prédio por medo de se atrasarem. Mas Mia não estava com pressa. Os professores sempre chegavam alguns minutos mais tarde mesmo. Ficavam sentados na sala dos professores, comendo biscoitos e bebendo café amargo enquanto falavam mal dos alunos.

Mia achava que sua escola era o tipo de lugar onde os professores, com poucas e boas exceções, deveriam ter escolhido praticamente qualquer outra profissão menos essa. A de zelador, por exemplo. Ou coveiro. Uma função na qual não precisassem interagir com gente viva. A maioria quase nem conseguia passar pela própria formação acadêmica uns cem anos atrás. Tinham poder quase infinito aqui e sempre que podiam faziam o melhor para não deixar que os alunos esquecessem disso — pois todos sabiam que essa autoridade evaporava feito orvalho à luz do sol no momento em que saíam da escola e partiam para o mundo real, onde eram forçados a interagir com pessoas da sua idade.

Silje saiu do banheiro. Ela e Mia eram as únicas que ainda não haviam entrado.

¹ *Não sei o que você espera olhando para a TV. Combatendo fogo com fogo.* (N.T.)

— Botas legais — disse Silje.

— Estou com elas o dia todo — respondeu Mia secamente. — Você não notou?

— Até agora, não. Onde comprou?

Mia baixou o olhar para as botas gastas de couro preto que iam até os tornozelos.

— Na internet. São coturnos italianos de paraquedista.

— Sensacional. Bom, vamos entrar?

— Que aula você tem agora?

— Matemática — respondeu Silje.

— Eu tenho *Deutsch*. Com “a Cabelo” — retrucou Mia, suspirando.

Voltaram para dentro e subiram as escadas até o segundo andar.

— Vamos ensaiar hoje à noite? — perguntou Silje pouco antes de as duas se separarem.

— Acho que sim. A Leonora vai me ligar assim que souber se pode ir.

— Me avisa, tá? Eu posso chegar às sete. Antes disso não dá.

— Às sete tá bom. Ei, escrevi uma música ontem.

— Ah, é? Qual é o nome?

— “Bombardeiem Hiroshima Outra Vez”, acho. Ainda não defini.

— Legal! — Silje riu. — Te vejo depois.

Mia continuou até o terceiro andar e entrou na sala de aula. A professora ainda não havia chegado, então ela folheou o livro de alemão para descobrir que diabos deveria ter lido na noite anterior.

A Cabelo entrou na sala com uma bola de praia inflável transformada em miniatura da Lua nas mãos. Mia revirou os olhos. *Ai, meu Deus, ela também?*

Mas, sim, a Cabelo — aquela senhorinha com uma cabeleira absurdamente grande — havia contraído a “febre da Lua”. Desapareceu atrás da mesa e começou a tagarelar em alemão sobre como aquela coisa toda era empolgante e como seria ótimo se um de seus alunos fosse escolhido para a missão.

Mia revirou os olhos outra vez. Era fato conhecido que a Cabelo já estava na escola havia tempo demais. Só ensinava alemão e economia doméstica. E existia o grande segredo, que na verdade todo mundo sabia, mas a professora julgava estar bem guardado: ela nunca estivera na Alemanha. Só saíra da Noruega uma vez, para ir à Suécia. E isso fora no verão de 1986, ou por aí, e ela voltara para casa depois de quatro dias.

Mas talvez o fato de que a Cabelo estava agora diante deles com uma Lua inflável debaixo do braço não fosse tão estranho assim. O mundo inteiro estava completamente alvoroçado neste inverno. Todo dia, os jornais, o rádio, a TV e a internet eram inundados pela mania da Lua, de curiosidades e informações divulgadas por especialistas, professores e astrônomos até competições nas quais a pessoa podia ganhar todo tipo de coisa, bastando responder a perguntas simples sobre viagens espaciais. Enquanto isso, milhões de adolescentes se inscreviam pela internet ou pegavam longas filas diante de balcões de registro em *shoppings* e supermercados em praticamente cada cidadezinha do mundo para garantir que seus nomes estivessem concorrendo.

Por motivos de segurança, a NASA decidira que os três jovens a ser escolhidos para a missão deveriam ter no mínimo catorze e no máximo dezoito anos. Também deveriam ter entre 1,60 e 1,90 metro de altura, passar por um exame psicológico realizado por um profissional qualificado em sua cidade natal e por um exame físico geral, de forma a obter um “visto” médico. Todos os candidatos deveriam ter 20/20 de acuidade visual de curta e longa distância e pressão sanguínea, quando parados, não superior a 14 x 9. E depois haveria todos os testes e treinamentos pelos quais eles passariam na remota eventualidade de estarem entre os poucos escolhidos.

Embora essas exigências restringissem o número de candidatos, alguns milhões de nomes haviam sido enviados para a grande triagem, e, à medida que as semanas se passavam, as pessoas chegavam mais e mais perto de explodir de entusiasmo. Jogadores apostavam dinheiro nas nacionalidades dos três felizardos e na quantidade de meninas ou meninos entre os vencedores. Apresentadores de TV convidavam especialistas para especular quanto a bobagens como o efeito que a visão da Terra no espaço teria sobre pessoas tão jovens. E havia debates tão numerosos quanto infinitos a respeito daquela base lunar da qual ninguém jamais ouvira falar antes. O que era? Por que estava lá? O que fazia? Poderíamos mesmo confiar que fora construída com intenções pacíficas?

A Cabelo chegou ao fim do discurso e mudou para um norueguês falho, o que acontecia com frequência quando ela falava alemão por muito tempo.

— Mas ouçam isto. Algum representante da NASA, sim, *da NASA*, veio à nossa escola para falar com os alunos sobre participar do sorteio. Como tenho certeza de que vocês sabem, qualquer escola na qual cem por cento dos estudantes elegíveis participem concorrerá a um prêmio único de atualização

tecnológica. O representante da NASA disse que o número colossal de noventa e um por cento da sua série já se inscreveu, e pediu que nós encorajássemos o resto de vocês a fazer o mesmo. Mas só cinco pessoas aqui na classe de alemão já aproveitaram essa oportunidade incrível.

Ninguém disse nada.

— Muito bem, Petter, Stine, Malene e Henning.

Os quatro alunos que haviam se candidatado sorriram presunçosamente para ela.

— E Mia, que ótima surpresa. Parabéns.

Mia se retesou completamente e respondeu:

— Eu não me candidatei a nada!

— Bem, de acordo com a NASA, você fez isso, sim.

A garota se inclinou sobre a mesa e disse bem alto:

— Bom, então eles devem ter cometido um erro! Eu *não* me candidatei *mesmo* a esse sorteio idiota!

— Calma, Mia. Não precisa ficar envergonhada.

— Não estou envergonhada. É só que isso não é verdade. E, mesmo que fosse, a NASA não deveria dar esse tipo de informação a qualquer um.

A Cabelo dispensou as queixas da garota com um aceno de mão e piscou para ela, como se ambas compartilhassem algum segredo.

— Obviamente, é uma condição do procedimento de registro dar à NASA permissão para revelar seu nome como participante do sorteio. Mas não precisamos ficar falando disso. Depende de cada um decidir se quer ou não pensar em fazer isso.

— O que está querendo dizer? — rosnou Mia, a raiva crescendo no íntimo.
— Eu já disse, não me candidatei a nada. O que é que eu ia fazer no espaço, afinal? A senhora não acha que tenho coisa melhor para fazer? A Lua que se dane!

— Nós não usamos esse linguajar na minha aula, Mia!

— Não, na sua aula *nós* não falamos nada. Só a *senhora* faz monólogos de uma hora sobre qualquer porcaria que queira falar!

A professora se levantou e apontou para a porta.

— Está dispensada do resto da aula, Mia. Não quero você aqui. Pode esperar no corredor.

Mia não protestou. Empurrou o livro de alemão de cima da mesa para dentro da mochila, levantou-se e saiu. O corredor estava vazio, e das salas adjacentes

ela ouviu fragmentos das aulas de gramática, matemática e inglês. Sem pensar, abriu a porta da sala outra vez e encarou a Cabelo.

— Além disso, todo mundo sabe que a senhora nunca esteve na Alemanha. Por acaso a *senhora* não devia se envergonhar disso?

Por meio segundo, o rosto da professora ficou magro e triste, como se ela tivesse sido sentenciada à prisão perpétua por um crime perverso que não lembrava ter cometido.

Mia ouviu os alunos começando a dar vivas antes de sair batendo a porta, descer as escadas e se dirigir para o jardim da escola. Caminhou até a pista de corrida perto do ginásio, sentou-se na mureta e sacou o telefone para falar com a mãe. Uma suspeita desconfortável começara a se formar em sua mente.

Atrás dela, cerca de trinta estudantes corriam pela pista. Mia nem precisou olhar para saber que isso era coisa daquela professora maluca de educação física. Ela tinha quase cinquenta anos, um bigode, e trabalhava na escola desde os primórdios da história. Não entendia o conceito de desculpas; mesmo que você estivesse paralisado da cintura para baixo, ela exigia que tivesse o desempenho de um atleta olímpico. Vários alunos ofegantes na pista estavam claramente pálidos de cansaço, alguns já tinham coloração verde, e era só uma questão de tempo até que caíssem de bruços e vomitassem.

A mãe de Mia atendeu o telefone no momento em que o primeiro estômago se esvaziou na pista.

— Oi, Mia. Que foi? Você está na escola?

— Mãe, você mandou meu nome para aquela coisa de viagem à Lua?

Houve silêncio do outro lado da linha. Muito silêncio.

— Mãe?

— Eu... nós, seu pai e eu, nós... achamos que você se arrependeria. Mais tarde. Então, bom, nós, é...

Mia a interrompeu duramente:

— Vocês mandaram meu nome?

Houve outra pausa, desta vez mais curta.

— Sim.

Mia grunhiu.

— *Por que vocês fizeram isso?!*

— Mia, todo mundo da sua idade acha que essa é uma oportunidade maravilhosa. Por que...

— Mas eu não sou todo mundo, sou? Vocês não têm o menor respeito pelo fato de as minhas opiniões serem diferentes das suas. Por que não vão vocês dois, já que estão tão animados? Porque é essa a questão, né? Já que vocês não têm idade para ir, mandaram meu nome como se fosse quase a mesma coisa. Vocês acham o que, que isso vai nos tornar ricos e famosos? É isso?

— Mia, agora você está sendo injusta.

— Injusta? Injusto é fazer isso pelas minhas costas.

— Mia...

Mas a garota já havia desligado. Dois alunos desabaram com um baque surdo na grama atrás dela. Segundos depois, a professora de educação física já partia para cima deles, forçando-os a levantar enquanto o vômito escorria pela roupa de ginástica.

Ginástica.

Mia não gostava nem da palavra. E isso não tinha nada a ver com a sua forma física atual. Poderia ter ultrapassado facilmente a maior parte dos corredores na pista. Poderia dar várias voltas na piscina de roupa e tudo, e ainda puxar aqueles tontos incapazes que iam para o fundo, ou qualquer outra coisa que eles tivessem de fazer, sem nem se cansar.

Mas isso tudo era perda de tempo. Na verdade, comparada à ginástica, uma viagem à Lua até que fazia sentido.